

CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DA REMODELAÇÃO DO HOTEL TERRA NOSTRA

Furnas, 20 de janeiro de 2014

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Permitam-me, em primeiro lugar, que, agradecendo o amável convite que me foi dirigido para presidir a esta cerimónia, vos refira o gosto que tenho em aqui estar neste momento que, de forma simbólica, marca uma nova fase na vida do Terra Nostra Garden Hotel.

Para além de ser um gosto, é também uma honra, tendo em conta a longa história do hotel em si mesmo, mas também a histórica presença do Grupo Bensaúde na área do Turismo, nomeadamente com este hotel e, posteriormente, com o Parque Terra Nostra, hoje integrado neste conjunto de grande beleza.

As obras de renovação do Terra Nostra Garden Hotel, apoiadas pelo Governo dos Açores no âmbito do Sistema de Incentivos ao Desenvolvimento Regional (SIDER), constituem um marco na vida desta infraestrutura, mas também na forma como o Turismo dos Açores tem evoluído e está desperto para o pleno aproveitamento do nosso potencial, enquanto destino de Turismo da Natureza.

É, de facto, uma feliz intervenção que assume e aproveita o potencial da integração do hotel no centenário Parque Terra Nostra, reforçando, por isso, este como um dos hotéis da nossa Região que melhor sintetiza a correspondência entre as características que promovemos dos Açores como destino turístico e aquilo que, efetivamente, oferecemos a quem nos visitar.

É, pois, mais do que merecida uma palavra de felicitações a todos quantos, ao mais diverso nível, contribuíram para este projeto e para a sua concretização.

Marcamos hoje mais uma etapa na vida deste empreendimento turístico, que se inicia sob o signo da esperança, mas, sobretudo, da confiança na capacidade do setor turístico na nossa Região de ser um motor de desenvolvimento, um potenciador de investimento e uma área em que investir é uma aposta passível de ser ganha.

Efetivamente, é para ajudar a construir e a consolidar estas potencialidades do setor turístico que o Governo dos Açores tem trabalhado e pretende continuar a trabalhar.

O ano de 2013 apresenta, deste ponto de vista, uma realidade que se diferencia, para melhor, da situação que vivemos nos últimos anos. É inegável que, após vários anos em que um conjunto de indicadores foi negativo, em 2013 o turismo demonstrou uma clara recuperação em número de hóspedes e em número de dormidas.

Neste momento, e com os dados estatísticos disponíveis, o número total de dormidas na hotelaria tradicional dos Açores, no período entre janeiro e novembro de 2013, aumentou perto de 11 por cento, por comparação a 2012, sendo que, para isso, contribuiu decisivamente o comportamento do mercado estrangeiro, em que esse aumento é bastante mais significativo, ascendendo a 25 por cento.

Do ponto de vista dos proveitos, quer por aposento, quer por totais, o ano de 2013 marca também um crescimento significativo, sendo que, no primeiro caso, a percentagem de crescimento ascende a mais de sete por cento e, no segundo, a mais de seis por cento.

Noutros indicadores, os sinais positivos também se salientam, quer no que respeita ao aumento da estada média, quer no que respeita ao aumento da taxa líquida de ocupação, quer ainda no que respeita ao número de hóspedes.

Na verdade, o único indicador que continua a ser negativo é o das dormidas dos turistas residentes no País, o qual, no já referido período de janeiro a novembro, cai cerca de nove por cento.

Estes resultados são motivo de satisfação para o Governo dos Açores e devem, igualmente, ser motivo de satisfação para todos quantos, a nível público ou privado, têm trabalhado para que o Turismo dos Açores possa recuperar, após alguns anos de queda acentuada em quase todos os indicadores.

Na verdade, estes resultados marcam o começo dos efeitos da aplicação persistente e determinada de uma estratégia que visou obviar alguns dos constrangimentos de que padecia o nosso setor turístico. A começar por uma excessiva dependência de apenas alguns mercados, com o nacional à cabeça, bem como por um errado posicionamento do destino noutros.

O trabalho desenvolvido visou criar as condições para que estes aspetos fossem corrigidos e o setor pudesse trilhar um caminho de crescimento e consolidação que é essencial para a sua sobrevivência futura.

Como todos sabem e sentiram, esta estratégia não produziu resultados instantâneos. É necessário persistência, determinação e rumo para que possa produzir os efeitos que hoje já constatamos e que se torna necessário continuar a aprofundar no futuro.

É, pois, também motivo de satisfação o facto de, no global, ter sido possível manter, quer da parte das entidades públicas, quer das entidades privadas, essa determinação, essa vontade de aplicar fielmente um rumo e uma atuação pré-determinada, mesmo quando alguns, leviana e irresponsavelmente, se deleitavam em acusar a ausência de estratégia, em acusar desnorte, em acusar vários aspetos.

Os números indicam, assim, que o ano de 2013 marca uma franca recuperação no Turismo dos Açores, que fazemos votos que, independentemente da sua intensidade, se mantenha no próximo ano ou no corrente ano.

Poderia, neste momento, dar por finda esta intervenção com a nota positiva dos resultados alcançados em 2013, reforçada pelo contexto em que aqui nos encontramos, no entanto, considero não ser isso o que necessitamos, nem ser isso o que é aconselhável a bem do Turismo dos Açores e da sua orientação futura. E, por isso, talvez violando os cânones do politicamente correto nestas circunstâncias, gostaria de partilhar convosco algumas reflexões.

É necessário ter uma análise mais aprofundada, mais detalhada sobre alguns aspetos que nos devem fazer refletir na melhor ação no futuro e, sobretudo, deve ser feita essa relação de forma a identificar todos os aspetos em que o Turismo dos Açores pode e deve melhorar, sobretudo naquilo que depende exclusivamente de nós.

Assim, é um facto que os números de 2013 são positivos, mas o primeiro aspeto para o qual gostaria de chamar a vossa atenção é exatamente a circunstância destes números estarem ainda muito longe daqueles que caracterizaram o melhor ano do nosso Turismo. Há, de facto, ainda muito trabalho a fazer na recuperação do nosso Turismo, o que exige a concertação, o empenho e o trabalho de todos.

A notoriedade do destino e o seu reposicionamento estratégico em alguns mercados constitui um desafio de primeira grandeza, o qual depende não apenas da intervenção das entidades públicas, mas também do cuidado e da diligência de entidades privadas.

O Turismo dos Açores já iniciou este processo de reposicionamento do destino e de diversificação de mercados emissores. No primeiro caso, cada vez mais se torna necessário definir e implementar os passos para uma afirmação do destino como um destino de turismo ativo, com o conseqüente aperfeiçoamento da definição do 'target' em termos de perfil do turista que nos interessa trabalhar e consolidar. Trata-se, no fundo, de reforçar os mecanismos de captação de um turista ativo, com poder de compra forte, qualificado e desperto para a mais-valia de um turismo ativo da natureza.

Esta constatação conduz-nos, logicamente, a um outro desafio que é o da qualidade. Essa é uma das áreas em que, desde logo ao nível dos serviços, se torna necessária uma aposta reforçada na sua intensidade e na sua abrangência. O tipo de turismo que queremos oferecer não pode vingar se não estiver associado a uma qualidade de bens e serviços que, neste momento, apresenta ainda, em alguns casos, um caminho que pode e deve ser percorrido.

A tentação ou, pelo menos, a via mais fácil será a de sacrificar alguns aspetos no sentido de garantir um preço competitivo num segmento de mercado que não se adequa, pelo menos em algumas situações, ao tipo de turismo que os Açores têm para oferecer e, para além disso, ao tipo de turismo que queremos.

Receio bem que, enquanto nos centrarmos em sacrificar elementos ao preço e não em acrescentar elementos valorizadores de produtos ou de serviços que possam justificar o preço, torna-se mais difícil fazermos a evolução que o Turismo dos Açores tanto reclama.

Não podemos, nem devemos, alicerçar uma estratégia de desenvolvimento do nosso setor turístico que radique na capacidade de sermos exclusivamente um destino mais barato do que outros com os quais competimos.

É necessário, como opção estratégica, valorizar o destino, desde logo, com uma aposta redobrada, porque absolutamente imprescindível, na qualidade.

O Governo dos Açores está perfeitamente consciente que este caminho não se consegue percorrer com sucesso num só dia, mas também estamos convencidos que o Turismo dos Açores só tem este caminho para ganhar uma sustentabilidade reforçada.

O momento presente, a conjuntura atual exige, mais do que nunca, a necessidade de assumir roturas com práticas comerciais e de serviço que estão ou poderão estar enraizadas.

Esta opção estratégica terá, porventura, os seus custos e terá certamente as suas dificuldades, mas julgo ser um facto inegável que esta é a opção em que estrategicamente nos posicionamos como destino cada vez mais forte e sólido. Esta, e não outra, em que apenas abarcamos a componente marginal dos nossos mercados ou de outros destinos.

Do ponto de vista de mercados emissores, convém reafirmar com convicção que os mercados onde estamos presentes permitem efetivamente considerar como possível a realização desta ambição de um Turismo dos Açores forte, qualificado e competitivo.

Presentemente, os Açores têm como mercados turísticos cerca de 14 países, se aqui contabilizarmos também o de Portugal continental. Bastas vezes, em cada ano, é colocada a pergunta: então em que novos mercados vão apostar os Açores? Na resposta a esta questão importa sublinhar alguns aspetos que reputo de essenciais.

O primeiro tem a ver com a nossa aposta estratégica. É certo que, a médio prazo, deve ser a de consolidar a nossa posição nos mercados que já trabalhamos, quer reforçando a nossa notoriedade, quer agindo para mudar a perceção que atualmente existe em alguns do destino turístico Açores.

É para esses mercados que deve continuar a ser dirigido o nosso esforço pelas seguintes razões - em primeiro lugar, porque a nossa promoção aí é, em termos do tempo necessário para consolidar o destino turístico, demasiado recente; em segundo, a disponibilidade de recursos obriga a uma criteriosa utilização dos mesmos, ou seja, devemos continuar a aprofundar o nosso trabalho em mercados onde o percurso já feito até ao momento pode potenciar os esforços que aí ainda venham a ser desenvolvidos; e, em terceiro, porque acreditamos que esses países ainda têm potencial de crescimento.

Significa isso que fechamos as portas à exploração de outros mercados ou às propostas de operadores de outros países? Certamente que não. Mas o principal do nosso esforço e da afetação dos nossos recursos deve estar onde este esforço pode ser melhor potenciado em virtude, nomeadamente, do trabalho já desenvolvido, de modo a produzir os resultados que todos queremos.

Nesta reflexão, impõem-se uma referência à questão das acessibilidades, mormente as acessibilidades áreas.

Como é do conhecimento público, o Governo dos Açores apresentou ao Governo da República, há cerca de dois anos, uma proposta de alteração das Obrigações de Serviço Público de Transporte Aéreo com o objetivo de flexibilizar o modelo atualmente existente, aumentar a concorrência e, por essa via, melhorar também, ao nível de preço, o serviço prestado.

Embora decorrido este tempo ainda não exista uma conclusão final para o trabalho que está a ser desenvolvido, espero que seja possível, dentro em breve, termos um novo modelo a produzir resultados em benefício de todos.

Se é certo que existem perspetivas que veem na questão das acessibilidades aéreas à nossa Região a causa única ou principal para o percurso que o setor turístico viveu nos últimos anos nos Açores, permitam-me que o diga com frontalidade que considero ser essa uma perspetiva que peca por ser simplista e redutora do conjunto de variáveis que influíram e ainda hoje influem na ‘performance’ dessa área da nossa economia.

Com esta afirmação não pretendo minorizar a importância dessa componente da atratividade e da competitividade do nosso turismo. No entanto, alcançarmos as acessibilidades aéreas a varinha mágica para a resolução dos desafios com que o Turismo dos Açores se vê confrontado nos dias de hoje, é um mau serviço que se presta a esse setor, porque é uma afirmação que engana quem a ouve, para além de revelar o engano em que labora quem a profere.

Permitam-me, pois, que explicito os fundamentos para esta minha afirmação. Em primeiro lugar, convém não esquecer que foi o mesmo modelo de obrigações de serviço público que permitiu que os Açores tivessem o crescimento no seu setor turísticos nos termos em que tal aconteceu na primeira década deste século. Para além disso, o facto é que, neste momento, o tarifário praticado, nomeadamente pela SATA, no que se refere a operadores coloca o destino turístico Açores num patamar de competitividade efetiva e eficaz.

Naturalmente que há ainda trabalho a fazer, sobretudo quando não queremos descurar a importância dos chamados ‘independent travellers’, e é também neste domínio que o novo modelo das Obrigações de Serviço Público poderá reforçar a competitividade dos Açores.

No entanto, o que considero ser mais perigoso, na perspetiva que atrás referi, ou seja, a de considerar que todos os desafios que o Turismo dos Açores enfrenta serão ultrapassados com sucesso resolvida que seja a questão das acessibilidades aéreas, é a omissão de outras componentes tão ou mais importantes e que necessitam de uma atenção urgente e de uma ação eficaz.

É, desde logo, o caso da imperiosa necessidade de se reforçar a qualificação de bens e serviços nesse domínio, elencando a qualidade a fator diferenciador e a garante último da competitividade do destino.

É o caso da necessidade de reforçar a pro-atividade comercial dos diversos envolvidos, permitindo uma clara especialização de responsabilidades entre ‘stakeholders’ públicos e privados.

É o caso de garantir aquela, por vezes ausente, lucidez na abordagem a produtos turísticos, dificilmente compagináveis com aquilo que tem sido desenvolvido. É o caso também da relação entre os preços praticados e a qualidade e muitos outros aspetos que relevam e contribuem para o sucesso desse setor.

O próximo Quadro Comunitário de Apoio constituirá, por certo, um instrumento fundamental para que estes aspetos evoluam no sentido de ajudarem a cimentar a sustentabilidade e a força desse setor da nossa economia.

É também por esse motivo que devemos ter uma atenção particular na definição das estratégias ao serviço das quais devem estar as possibilidades de uma utilização de fundos comunitários. Essa é uma oportunidade de reforçarmos, não apenas as condições de sustentabilidade do setor turístico açoriano, mas também as da sua competitividade, pelo que se impõe um rigor e exigência reforçados na sua aplicabilidade.

Neste momento, mesmo considerando os resultados positivos do ano de 2013, é importante termos consciência de que o trabalho que todos temos pela frente não é nem fácil, nem de modo a produzir resultados instantâneos.

Hoje poderemos ainda estar perante a dicotomia entre soluções estruturais que constituam contributos eficazes para o crescimento e consolidação do nosso Turismo e as soluções que, podendo privilegiar aparentes receitas miraculosas, são pouco sustentáveis e, em última instância, podem prejudicar o destino.

É, pois, o equilíbrio entre a satisfação das necessidades a curto prazo e a construção de alicerces sólidos para o futuro do Turismo dos Açores que devemos trabalhar.

Não é uma tarefa só do Governo, não é também uma tarefa só de privados, é por isso que digo que, se cada um fizer bem a sua parte, todos ficaremos a ganhar, o mesmo é dizer que são os Açores que ficam a ganhar.

Muito obrigado pela vossa atenção.